Fotos de divulgação

TRADIÇÕES – Os dalits, também conhecidos como "intocáveis", mantêm sua cultura mesmo sob o preconceito de uma parcela da população. Politicamente, eles têm direito a voto e costumam eleger seus pares para cargos em diferentes níveis do governo indiano

POPULAÇÃO

Dalits: o mistério da 'intocabilidade'

Os paradoxos de um país disposto a superar preconceitos sem macular suas tradições

Mukunda V. Raghava*

A Índia, terra de mistérios, do exótico e do esotérico, é berço de quase 4 mil anos de tradições inabaláveis. É terra de paradoxos, onde velhas carroças de bois partilham estradas pavimentadas com BMWs; onde há bandos de macacos errantes sentados numa esquina enquanto um grupo de jovens com fones de ouvido passa por eles; onde o misticismo partilha os holofotes com a ciência. O fascínio internacional pelos filmes e pelo estilo de vida de Bollywood contrasta com as tradições clássicas da música e dança antigas, que têm suas origens há milhares de anos. Este país produziu algumas das pessoas mais ricas do mundo, e ainda assim uma considerável porção de sua população vive em condições miseráveis, como retrata o agora mundialmente famoso filme *Quem quer ser um milionário?*.

É uma terra de mais de um bilhão de pessoas, das quais cerca de 200 milhões são chamados por nomes como harijan ("filho de Deus") e dalit ("os oprimidos"). Isso equivale a praticamente uma em cada cinco pessoas, que seria considerada "intocável". Ao longo de quase toda a história da Índia essas pessoas foram consideradas os seres humanos mais baixos. Gente sem voz, sem história, com uma vida que foi decidida por discriminação, com base no nascimento. A Índia deu ao mundo incríveis idéias e filosofias: o conceito do zero, álgebra, yoga, meditação, grandes tradições espirituais como o Hinduísmo, o Budismo, o Jainismo e o Sikismo, entre muitas outras. Mas, com elas, veio uma terrível praga para a humanidade: a "intocabilidade".

O que nos tempos dos Vedas era um sistema de divisão de trabalho fluido e dinâmico tornou-se, por volta do início da Era Cristã, um sistema de castas rígido e estagnado, baseado no nascimento. A sociedade indiana antiga era dividida em categorias baseadas em varna, que significa "cor". Existem quatro varnas: Brahmana (padre/erudito), Kshatriya (guerreiro/realeza), Vaishya (mercador) e Sudra (criado/artesão/trabalhador braçal). Qualquer um que se encontrasse fora dessas quatro varnas era considerado um sem-casta e, portanto, "intocável". A "intocabilidade" era praticamente desconhecida na Era Védica, que se pressupõe ser de 2.500 A.C até 1.200 A.C. E foi somente na Era Épica da Índia que ela começou a manifestar a sua perversidade. Foi nessa época que o Budismo e o Jainismo tiveram início e tomaram forma na Índia.

> A casta permeia todas as religiões e comunidades no subcontinente indiano

Embora a idéia de castas tenha sido inicialmente associada ao Hinduísmo, ela é muito mais pandêmica. A casta permeia todas as religiões e comunidades no subcontinente indiano. Todas as religiões, inclusive o Budismo, o Islamismo, o Cristianismo, o Sikismo e o Jainismo, têm divisões baseadas em castas em suas comunidades. Há castas mais altas e mais baixas. Os níveis mais baixos ainda são aqueles que eram chamados "intocáveis" – e que agora são chamados dalits. A condição deles não é a condição da religião, mas de "jati". "Jati" refere-se à comunidade que faz as refeições e se casa somente entre seus integrantes. É o laço que une a maior parte das pessoas, uma vez que todas partilhariam das mesmas (ou similares) tradições, línguas, práticas etc. É aqui que encontramos a força de continuidade da existência do sistema de castas, assim como as profundas falhas e os grilhões sociais. É aqui que vive a "intocabilidade" e o que entendemos como o sistema de castas: o "jati".

(*) Mukunda V. Raghava (mukundar@gmail.com) é advogado em Nova York, na promotoria de crimes juvenis, e estudou história indiana, religião e política.

ONGs no país e no exterior atuam contra a discriminação

Foi no início da Era Cristã que a "intocabilidade" se sedimentou. Em alguns livros, afirmava-se que caso a sombra de um intocável recaísse sobre qualquer outro "jati" ele teria que tomar banho novamente. Os "intocáveis" eram vistos como os seres mais vis da humanidade. As tarefas mais árduas e sujas recaíam sobre eles: a limpeza das ruas e dos esgotos, o trabalho nos túmulos e cemitérios, a matança de animais... O movimento milenar para libertar os "intocáveis" dos grilhões da opressão teve início no sul da Índia. Em Karnataka, onde se situa hoje a famosa Bangalore, um dos principais reformadores e ativistas sociais da Era Cristã iniciou uma luta por justiça social e espiritual para todas as pessoas. Seu nome era Basavanna, que viveu em torno do 10º século D.C. Ele pregava que todos os níveis da sociedade pertenciam a um grupo espiritual – e todos tinham direitos a práticas espirituais. Dizia ele: "A vaca não dá o leite para aquele que está sentado em seu dorso, e sim para aquele que está agachado, ordenhando-a".

Ainda que o sistema de castas e a "intocabilidade" sejam atualmente ilegais, eles ainda não foram eliminados. Organizações como a Navya Shastra, baseada nos Estados Unidos mas com inúmeros projetos e atividades na Índia, fizeram valiosos esforços para continuar o trabalho de dignificação dos oprimidos, pela construção de templos, oferecendo educação religiosa – assim como laica – para comunidades, de forma que elas possam escolher a vida que quiserem. Tais organizações procuram eliminar a distância entre os pilares do poder religioso, como os gurus hindus e os acharyas, para atingir e acolher todas as pessoas, e em particular os dalits e outras castas, garantindo a todos os direitos religiosos e espirituais aos quais todos, fundamentalmente, têm direito.

A luta para a erradicação das castas e da "intocabilidade" ainda não atingiu seu objetivo final, mas todos os dias mais uma batalha é vencida. Chegará o dia, em um futuro não muito distante, em que a doença do sistema de castas e a "intocabilidade" terão sido eliminados da história da Índia. E o legado espiritual indiano estará livre dessa mancha e poderá ocupar o seu lugar como uma das mais sublimes contribuições feitas à experiência humana. (**MVR**)

ARTIGO - INDIANOS NO BRASIL

Distantes, mas com os valores preservados

Kesavan Nair

O Brasil nunca foi um dos destinos mais comuns para os indianos que emigram. A principal razão disso é a língua, mas a distância também tem sido um dos motivos que mantêm o país fora da rota dos nascidos na Índia. Atualmente, talvez não haja mais que 500 famílias indianas no Brasil, um número muito pequeno se comparado aos 2 milhões de habitantes de origem indiana nos Estados Unidos.

Em sua maioria, eles saíram da Índia buscando estudos avançados como pós-graduação ou pesquisa, e uma boa parte desses estudantes acabou por radicar-se nos novos países, achando empregos compatíveis com suas qualificações. Outros emigrantes buscam trabalho com melhor remuneração, num grupo que inclui mão-de-obra técnica e operários sem qualificação específica. Os primeiros indianos a migrar para o Brasil saíram de Goa, então colônia de Portugal, antes da independência indiana. Talvez também atraídos pela língua – eles também falam português –, outros goenses migraram para o Brasil nos anos 60, quando Goa se tornou parte da Índia independente. No início dos anos 1970, quando o recém-eleito presidente Richard Nixon cortou drasticamente as verbas das instituições de pesquisa e das universidades americanas, o Brasil começava a implantar programas de pós-graduação e a expandir as áreas já existentes. Vieram, então, muitos professores e pesquisadores estrangeiros, entre eles alguns indianos. A implantação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, por exemplo, contou com vários pesquisadores indianos através do programa de cooperação científica. Quando a situação nos Estados Unidos ficou mais favorável, muitos deles voltaram para lá; outros, adaptados ao Brasil, ficaram por aqui.

> Jovens emigrantes estranham principalmente quando se trata de namoro

Na última década, quando o comércio entre Índia e Brasil cresceu consideravelmente, muitas empresas indianas enviaram profissionais para cá, juntamente com seus produtos – principalmente das áreas farmacêutica e de informática, mas também de têxteis, roupas, jóias etc. Nem todos os indianos que chegam ao Brasil ficam para sempre. Quem vem a serviço de uma multinacional normalmente fica por três a cinco anos. Seus filhos frequentam escolas inglesas ou americanas, e em geral a integração da família se limita à comunidade que fala inglês, como colegas de trabalho e, às vezes, alguns vizinhos. Já os professores e pesquisadores têm uma exposição maior à cultura brasileira, através de alunos e colegas. Os indianos que se estabelecem com seus próprios negócios também buscam uma aproximação maior, e muitos deles acabam ficando por longo prazo. Alguns se casam com brasileiras, integrando-se plenamente à cultura local.

Superadas as barreiras da língua, a integração dos indianos fica mais fácil. Mas há ainda algumas diferenças de comportamento. Os jovens estranham principalmente quando se trata de namoro. Isso porque na Índia não é usual o contato entre homem e mulher antes do casamento, exceto nas cidades mais cosmopolitas, como Mumbai ou Bangalore. Existem, porém, muitos valores em comum nas culturas indiana e brasileira. Como exemplos, a solidariedade familiar, o relacionamento humano mais caloroso que nos países mais avançados do Ocidente e o amor pelas crianças. Assim, um indiano que decida radicar-se aqui poderá adaptar-se com relativa facilidade, casando-se com brasileira mas mantendo muitos valores indianos. Certos valores não devem, de fato, ser esquecidos. Uma reportagem que recentemente descrevia os hábitos da moderna e vibrante Índia comentava que os profissionais da inovadora Tecnologia de Informação de Bangalore, depois de um longo dia de trabalho, em vez de irem para uma happy hour, vão ao templo de Ganesha, pedir a bênção do deus.

(*) Kesavan Nair é engenheiro químico e Ph.D. em engenharia nuclear. No Brasil desde 1970, é professor de pós-graduação do Instituto Militar de Engenharia. Trabalhou no Instituto de Estudos Avançados do Centro Tecnológico de Aeronáutica e na Promon Engenharia.